

A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE PARA A TRANSPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS INSTITUCIONALIZADOS

LITERATURE AS A POSSIBILITY FOR THE TRANSPOSITION OF INSTITUTIONALIZED KNOWLEDGE

Ilma Socorro Gonçalves Vieira¹

Recebido em: 10 dez. 2022

Aceito em: 20 dez. 2022

RESUMO

A literatura tem precioso valor para a formação humana, pois, além de cumprir uma função estética, favorece infinitas possibilidades de acesso a saberes da humanidade, de forma abrangente e não condicionada aos limites das diversas áreas do conhecimento. Partindo dessa compreensão, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência desenvolvida em uma instituição de âmbito federal, com alunos do Ensino Fundamental. A experiência teve como base a leitura de obras literárias – uma narrativa produzida pela escritora brasileira Ana Maria Machado, outra que se constitui em uma coletânea de contos do escritor moçambicano Mia Couto. Como a leitura de tais obras resultou em pesquisas, nas quais os alunos assumiram a condição de sujeitos no processo, foram observadas formas relevantes de se acessar saberes relativos a diversas áreas, sem que se comprometesse a fruição estética das obras, com reducionismos dos conteúdos que elas apontam. O trabalho desenvolvido favoreceu refletir sobre o poder da literatura, no que diz respeito à transposição dos conhecimentos institucionalizados, isto é, circunscritos nas áreas das ciências e das metodologias educacionais, e em se tratando da humanização dos sujeitos envolvidos na leitura literária. Além disso, confirmou a relevância da fruição estética do texto literário, em um processo formativo amplo, indispensável em uma perspectiva de educação humanizadora, no qual o acesso a vários saberes da humanidade ocorre de modo transdisciplinar. Os referenciais teóricos utilizados na discussão aqui apresentada são estudos de Antoine Compagnon (2012), Antonio Candido (1989), Fanny Abramovich (1997) e Roland Barthes (2013).

Palavras-chave: Literatura. Formação humana. Educação Básica.

¹ Doutorado em Letras (Estudos Literários). Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0080-3455>. E-mail: ilmavieira@ufg.br.

ABSTRACT

Literature has a precious value for human development, because, in addition to fulfilling an aesthetic function, it favors infinite possibilities of access to knowledge of humanity, in a comprehensive way and not conditioned to the limits of the different areas of knowledge. Based on this understanding, the present work aims to present an experience developed in a federal institution, with elementary school students. The experience was based on the reading of literary works – a narrative produced by the Brazilian writer Ana Maria Machado, and another that constitutes a collection of short stories by the Mozambican writer Mia Couto. As the reading of such literary works resulted in research, in which the students assumed the condition of subjects in the process, relevant ways of accessing knowledge related to different areas were observed, without compromising the aesthetic fruition of the works, with reductionism of the contents that they point. This work favored reflection on the power of literature, with regard to the transposition of institutionalized knowledge, that is, circumscribed in the areas of science and educational methodologies, and in terms of the humanization of the subjects involved in literary reading. In addition, it confirmed the relevance of the aesthetic fruition of the literary text, in a broad formative process, indispensable in a perspective of humanizing education, in which access to various knowledge of humanity occurs in a transdisciplinary way. The theoretical references used in the discussion presented here are the studies by Antoine Compagnon (2012), Antonio Candido (1989), Fanny Abramovich (1997) and Roland Barthes (2013).

Keywords: Literature. Human formation. Basic education.

INTRODUÇÃO

A abertura que o texto literário apresenta, no que diz respeito à abordagem do mundo, parece não deixar dúvidas quanto às infinitas possibilidades de, por meio dele, acessarmos inúmeros saberes historicamente desenvolvidos. Como linguagem artística, que mesmo sem pretensão, revela e acessa as múltiplas camadas constitutivas da essência humana, a literatura não se limita às fronteiras instituídas sob a forma das diversas áreas do conhecimento. Liberta, inclusive das bases fascistas da língua (BARTHES, 2013), a literatura inventa e reinventa o mundo, relativiza as verdades, subverte as lógicas que regem as noções de tempo, de espaço, de justiça e de tantas outras matrizes do pensamento racionalista, problematiza a realidade e propõe alternativas, muitas vezes, insuspeitadas. É com base nessa compreensão que propomos, neste breve estudo, abordar a relevância do texto literário, não só em se tratando da construção de conhecimentos – reconhecendo seu papel nas instituições educacionais –, mas também como possibilidade de romper

fronteiras do saber institucionalizado e de contribuir, significativamente, com o processo de formação dos sujeitos, sejam eles crianças, jovens ou adultos.

Roland Barthes (2013), em sua “aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França”, ocorrida em janeiro de 1977, expressa sua compreensão de que a língua não apenas nos oferece possibilidades de uso, como também se firma de modo a estabelecer um processo no qual “servidão e poder se confundem inelutavelmente” (p. 16). Para o semiólogo, “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (p. 15). A arte da palavra escrita se apresenta, nesse sentido, como o escape desse fascismo, pelo seu caráter revolucionário, que permite revirar o mundo e seus sentidos, por meio do “deslocamento” sobre a língua. A esse respeito, Barthes afirma:

[...] a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. (BARTHES, 2013, p. 17).

A compreensão de Barthes quanto à eminência do texto literário, em relação aos textos de outras naturezas, entre eles os que se inscrevem no âmbito das ciências, e quanto ao papel que a leitura literária cumpre na formação do sujeito leitor, se ressalta de modo incisivo na célebre declaração:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 2013, p. 19).

O pesquisador acrescenta que, “verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse lugar é precioso” (BARTHES, 2013, p. 19). Por um lado, esse lugar “permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados”; por outro lado, o saber que a literatura “mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro”, posto que “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens” (p. 19, grifo do autor).

O saber que a literatura mobiliza, nesse sentido, mais que se fazer irreverente, consegue alcançar dimensões que o discurso da ciência sequer considera, por este

ser focado na realidade, metodologicamente, comprovável, enquanto que, por meio do texto literário, o saber se desdobra de modos tão diversos e plurais, em múltiplas nuances e níveis de profundidade, que nenhum rigor científico é capaz de dimensionar.

Para Barthes, “a literatura trabalha nos interstícios da ciência” (BARTHES, 2013, p. 19), e é justamente nesse interstício que nos parece estabelecer o poder transformador da literatura, com suas infinitas possibilidades de recriação da linguagem e de inauguração constante de novos olhares para o mundo. Com o pesquisador concluímos, assim, que a “ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (p. 19).

Reconhecendo o texto literário como passaporte para o conhecimento, a pesquisadora da Literatura Infantil e Juvenil, Fanny Abramovich (1997), afirma:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

A leitura literária, nesse sentido, nos conduz ao legado de conhecimentos acumulados pela humanidade, mas cumprindo, antes de tudo, uma função estética, ao propiciar a exploração de universos imaginários, de outros mundos possíveis, de outras formas de lidar com a realidade, além de outras possibilidades para a existência humana. Assim, o saber acessado se torna capaz também de conduzir a um refinamento progressivo, que podemos reconhecer como “humanização”, processo definido por Antonio Candido (1989) como aquele

[...] que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1989, p. 22).

Apesar dessas evidências, uma questão se coloca de modo a levar estudiosos a refletir sobre o lugar da literatura na contemporaneidade: qual a relevância da literatura para os dias atuais? Antoine Compagnon, um dos principais representantes da crítica literária francesa da atualidade, discute de forma instigante a questão, em

seu livro *Literatura para quê?* (2012). Para o estudioso, a literatura deve ser lida e estudada porque oferece um meio

[...] de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2012, p. 60).

A literatura cumpre, portanto, a importante função de aproximar povos e gerações, de promover a valorização de culturas distintas, ainda que entre em jogo o estranhamento do diferente, pois, durante a apreciação de uma obra, tendemos a suspender, momentaneamente, nossas crenças, nossos valores, ao sermos mobilizados pelo universo ficcional apresentado.

Nesse processo, ampliamos nossa subjetividade e nossa capacidade de pensar solidariamente, de realizar a travessia que nos permite alcançar o lugar do outro, uma vez que, “o texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus” (COMPAGNON, 2012, p. 62). Somos, desse modo, levados a perceber que, como humanos que somos, temos muito mais semelhanças que diferenças.

Essas considerações iniciais indicam a compreensão norteadora do trabalho que passamos a apresentar. Trata-se de uma experiência baseada em textos literários, amplamente reconhecidos, e que foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental de uma instituição pública de âmbito federal. O trabalho se dividiu em dois momentos: um em que a referência foi a narrativa juvenil *Do outro lado tem segredos* (2005), da escritora brasileira Ana Maria Machado, e outro no qual a referência foi a coletânea de contos intitulada *A menina sem palavra: histórias de Mia Couto* (2013), de autoria do escritor moçambicano Mia Couto.

SEGREDOS, MUITOS SEGREDOS...

A narrativa *Do outro lado tem segredos* apresenta a história do menino Bino, filho de pescadores de uma região litorânea brasileira e que se encontra mobilizado pelo interesse em descobrir os segredos existentes do outro lado do Oceano Atlântico, de onde vieram seus antepassados. Durante e após a leitura da obra, foram realizados

com os alunos debates baseados em temáticas suscitadas pela narrativa, que traz à tona o processo de colonização do Brasil e a miscigenação decorrente daquele processo. A narrativa põe em pauta, ainda, uma espécie de movimento de iniciação experimentado pelo protagonista, que se encontra em transição, da infância à adolescência. Os debates permitiram estabelecer relações entre fatos e acontecimentos referentes àquele passado histórico e questões do presente, além de questões relativas à faixa etária dos alunos – por volta dos 12 anos. À semelhança do protagonista da obra, os alunos apresentaram algumas inquietudes que se constituíram em objeto de pesquisa, com o objetivo de aprofundar a compreensão de determinados aspectos e de ampliar as reflexões iniciadas a partir da leitura da obra.

Os alunos foram divididos em grupos, conforme os assuntos selecionados para pesquisa (manifestações culturais de origem africana ainda presentes em estados e municípios brasileiros; aspectos geográficos relacionados à concentração de comunidades de origem africana e indígenas, no Brasil; relações entre etnia e trabalho na sociedade brasileira; relações entre etnia e preconceitos/marginalização no Brasil; a mulher negra na sociedade brasileira). Em seguida, foram feitas pesquisas em uma variedade de suportes e gêneros textuais, entre eles, livros de História, jornais, *sites*, artigos, poemas, crônicas, filmes, vídeos, fotos, charges, quadrinhos. As pesquisas ocorreram em sala de aula, na biblioteca e no laboratório de informática da instituição educacional. Cada grupo de alunos teve a liberdade para definir a forma como seria organizada a apresentação dos resultados de sua pesquisa e a maioria optou pelo uso de recursos tecnológicos para a produção e a divulgação de vídeos, áudios, imagens em movimento.

Os alunos demonstraram autonomia no desenvolvimento de suas pesquisas e lidaram com desenvoltura com os recursos tecnológicos utilizados. Os resultados foram muito positivos, porque além de apresentações bastante interessantes e consistentes, a preparação das apresentações funcionou como uma rica oportunidade para a troca de conhecimentos sobre o uso das Tecnologias Digitais da Comunicação e da Informação (TDCI). Em relatórios individuais, produzidos ao término das apresentações, unanimemente, os alunos propuseram a realização de outras atividades como aquelas, alguns com indicativos de uso de recursos tecnológicos e estratégias de produção ainda não experimentados por eles.

Cabe salientar que as atividades propostas tinham como objetivo primordial aprofundar os conhecimentos e a capacidade de reflexão dos alunos acerca dos assuntos suscitados pela leitura da obra literária. Outros saberes, no entanto, se fizeram necessários e foram acessados de modo produtivo, como em relação ao uso de recursos tecnológicos, como meio para a propagação de conhecimentos.

UMA PONTE ENTRE MIM E O OUTRO

A leitura da obra *A menina sem palavra*: histórias de Mia Couto foi realizada de diferentes formas: rodas de leitura em sala de aula, momentos de leitura individual e em pequenos grupos, aproveitando também lugares diversos disponíveis na instituição educacional, como a biblioteca, um dos espaços de convivência e uma das áreas arborizadas. Os alunos foram novamente divididos em grupos e cada grupo se encarregou de pesquisar sobre a vida e a obra do autor moçambicano e de analisar um ou dois contos da obra, a partir de algumas bases teóricas, no campo da narratividade (personagens, enredo, tempo, espaço, clímax, desfecho, ponto de vista da narração), acrescentando às análises um comentário crítico a respeito da narrativa estudada.

As apresentações dos trabalhos realizados pelos grupos ocorreram na forma de seminários, que se abriam para a participação de todos os alunos e a professora, no sentido de ampliar o máximo possível, dentro do contexto, as análises e as reflexões acerca dos contos de Mia Couto. Um aspecto que se destacou foi a importante função cumprida pela obra literária, ao possibilitar uma espécie de travessia entre Brasil e Moçambique, correlacionando os impactos da colonização europeia aqui e naquele país, identificando traços históricos, geográficos, econômicos, culturais e linguísticos que asseguram semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa em uso por aqui e a em uso por lá.

Destacou-se, principalmente, o reconhecimento de situações de segregação social resultantes daquele processo histórico, que ainda mantém muitos moçambicanos em condições de exploração e de luta por independência. Esse reconhecimento foi fundamental, no sentido de refletir aspectos da realidade brasileira, quanto ao que ela tem em comum com a realidade daquele país africano.

Consideramos, desse modo, que a mistura de história, memória e criação poética, no âmbito da leitura literária, contribuiu, significativamente, com a formação humana dos alunos, que, por meio das narrativas de Mia Couto, puderam acessar universos ficcionais pautados, sobretudo, na realidade de personagens representativas dos herdeiros do lado perverso da história de Moçambique.

Candido (1989, p. 22) considera que a “literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Entendemos que isso se torna possível na medida em que nos sentimos mobilizados em relação à condição do outro, na medida em que nos tornamos capazes de atravessar a ponte que nos liga aos nossos semelhantes. Tomando como referência para a expansão da nossa humanidade os contos de Mia Couto reunidos em *A menina sem palavra*, é imprescindível ressaltar também a beleza estética da linguagem criada pelo autor que, com notável sensibilidade poética, revela, em suas narrativas, aspectos importantes da vida em seu país.

Por meio das narrativas “O dia em que explodiu Mabata-bata”, “A menina de futuro torcido” e “O não desaparecimento de Maria Sombrinha”, por exemplo, somos mobilizados em relação às condições nas quais vivem muitas crianças que têm a infância abreviada e, muitas vezes, anulada, devido ao trabalho imposto pelos adultos ou à maternidade precoce, associados a situações de carências decorrentes de orfandade e/ou de miséria. Azarias, personagem de nome sugestivo no primeiro conto, não teve a sorte de ser criado pelos pais e trabalhava como pastor da boiada de seu tio, sem direito de brincar e de ir à escola, que era seu grande desejo. Filomeninha, personagem do segundo conto, assim como Azarias, é forçada a abandonar a vivência da infância para atender a interesses de adulto, no caso, seu pai, um mecânico de uma pequena vila. Maria Sombrinha, personagem do terceiro conto, por meio de uma narrativa permeada por elementos insólitos, ironicamente, configura a falta de visibilidade enfrentada pelas pessoas que vivem em condições de desprestígio social. Conforme se destacou nos debates estabelecidos durante os seminários apresentados pelos alunos, com a leitura desses contos, somos provocados a refletir sobre vários aspectos da vida em sociedade, que são

desdobramentos das injustiças resultantes da falta de garantia, a todas as pessoas, dos direitos humanos reconhecidos.

Outros contos do mesmo livro de Mia Couto, que receberam relevância entre os alunos, são: “A filha da solidão” e “O embondeiro que sonhava pássaros”. Trata-se de duas narrativas que nos permitem aprofundar a consciência quanto às raízes do preconceito responsável pela segregação racial, que perversamente marca a vida dos sujeitados à colonização imposta por nações europeias. O primeiro conto apresenta a história de um cantineiro português, que investe de modo radical para que a filha se mantenha afastada do convívio com os negros da região onde vivem. O segundo conto tematiza o preconceito dos colonos de origem portuguesa, em relação aos negros nativos da região de Moçambique. Nos dois contos, a ironia prevalece, tanto no discurso quanto na tessitura do enredo, evidenciando uma perspectiva crítica, que nos convoca, deliberadamente, a também olhar de maneira crítica as questões apresentadas.

Um dos contos da obra de Mia Couto que se destacou entre os alunos, especialmente por explorar a sensibilidade como um dos principais elementos definidores de nossa humanidade, é o intitulado “O rio das Quatro Luzes”. Nessa narrativa, os extremos da infância e velhice e da vida e morte se tocam com intensa delicadeza, configurados nas personagens de um menino e seu avô. O contexto inicial do conto é de um cortejo fúnebre, que serve de elemento para a apresentação do desejo do menino de morrer, porque considerava que não “valia ser criança”, já que “lhe faltava a infância”. A intervenção necessária à questão surge com a presença do avô que, ao ser procurado pelo neto, penetra com intensa sabedoria o universo de inquietações da criança e lhe ensina o que lhe faltava para perceber sentido na vida: simplesmente “criançar”. Na sensível e profunda relação estabelecida entre a criança e o avô, muitas questões ficaram sugeridas para os alunos, entre elas, provavelmente, um convite para pensarmos, para além dos domínios da razão, sobre os sentidos da existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As várias atividades realizadas a partir da leitura da narrativa juvenil de Ana Maria Machado e da coletânea de contos de Mia Couto permitiram o alcance de objetivos fundamentais do ensino de literatura na Educação Básica, entre eles, o de garantir o acesso ao texto literário, compreendido como bem incompressível (CANDIDO, 2011), e de promover a leitura literária de modo a assegurar o estatuto de arte das obras. Embora tenham se contituído como ponto de partida para as questões norteadoras das pesquisas realizadas pelos alunos, as narrativas apreciadas não foram reduzidas a instrumentos pedagógicos, pois a valorização do estético se manteve presente na abordagem de cada uma delas.

A leitura das obras resultou em seminários e na produção de resenhas críticas, investindo-se na análise das construções linguísticas instauradoras da plurissignificação inerente ao texto literário. Dessa maneira, nas produções, evidenciaram-se um envolvimento produtivo com a leitura e um amadurecimento intelectual quanto aos desafios propostos pela linguagem poética e em relação à pesquisa e exposição dos resultados, além de um refinamento do olhar para a vida.

As aulas se inscreviam nos domínios da disciplina de Língua Portuguesa, mas, seguramente, saberes relativos a várias outras áreas foram mobilizados, resultando na transposição dos conhecimentos institucionalizados, que, fechados entre si, revelam uma tentativa de se compartimentar também a vida, fazendo parecer que o pensamento humano se desenvolve em fragmentos estanques. Mais ainda, a institucionalização dos conhecimentos reflete uma compreensão de que é possível isolarmos tudo o que trazemos em nossa constituição sensível, ao lidarmos com as questões mapeadas pelas ciências.

Retomando o estudo de Barthes (2013), ressaltamos a afirmativa de que a “literatura assume muitos saberes” (p. 18) e acrescentemos que ela o faz sem qualquer pretensão que não esteja associada ao seu caráter estético. Os saberes que ela mobiliza, por sua vez, parecem confirmar a ideia de que, quanto mais se investe na verticalização dos conhecimentos, na forma inflexível muitas vezes proposta pelas ciências, menos eles dialogam com a vida, posto que esta é, essencialmente,

penetrada, trespassada, transversalizada, em todos os sentidos, por saberes de toda natureza.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. "Direitos humanos e literatura". In.: FESTER, A. C. Ribeiro e otros (Org.). **Direitos humanos e....** São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**: histórias de Mia Couto. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Do outro lado tem segredos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.